



Universidade de Brasília

**CAMPUS DE PLANALTINA**

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LINGUAGENS**

**ANA CLAUDIA PEREIRA ARRUDA**

**A MULHER NEGRA NA LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS:**

**SABINA E MARIANA**

**BRASÍLIA-DF**

**2025**

**ANA CLAUDIA PEREIRA ARRUDA**

**A MULHER NEGRA NA LITERATURA DE MACHADO DE ASSIS:**

**SABINA E MARIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado como pré-requisito para a graduação em Licenciatura em Educação do Campo – Habilitação em Linguagens.

Orientadora: Ana Cotrim

**BRASÍLIA-DF**

**2025**

Dedico esse trabalho especialmente à minha mãe Clarice Arruda, por acreditar no poder da educação e sempre me incentivar a estudar. Principalmente, por ter sido a primeira mulher a me mostrar que a educação é emancipadora e uma forma potente de luta, para que nós mulheres não vivamos alienadas em costumes e culturas machistas de um sistema patriarcal. Agradeço a minha mãe por sonhar e realizar comigo o feito de ser a primeira mulher, em três gerações da família materna, a conseguir se graduar em uma Universidade pública, e assim ser referência, para que tenhamos mais mulheres da família na Universidade.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, na pessoa do meu pai Vilson Batista (*in memoriam*) por acreditar que eu poderia sonhar em ingressar a uma Universidade pública. Agradeço por ter me incentivado, por ter me apoiado, por ter suportado a saudade, quando eu estava na Universidade. Sou muito grata a minha família por acreditar tanto. Às vezes acreditava mais que eu. Nas minhas inseguranças a minha família sempre segurou a minha mão. Aos meus irmãos: Daniel, Guilherme, Ivan e Adriana, também deixo registrado a minha imensa gratidão.

Ao meu tio José Nilton, agradeço por vibrar comigo em saber que eu serei uma professora formada, por me olhar com brilho nos olhos e acreditar em mim desde os meus oito anos de idade.

Aos meus primos Josimar e sua esposa Maria Rita agradeço por também acreditarem e me incentivarem a estudar. Sou muito feliz em ter o incentivo e apoio de vocês. As minhas amigas e amigos agradeço o apoio e por não soltarem a minha mão.

Agradeço aos que lutaram e lutam por políticas públicas de educação, pela oportunidade de ter ingressado a Universidade de Brasília, uma das melhores do mundo. Sou feliz em saber, que essa luta não contemplou só a mim, mas diversas mulheres e homens da classe trabalhadora. Ao corpo docente da LEdoC, gostaria de agradecer na pessoa da professora Maria Osanette, por ser essa frente comprometida na luta pela Educação do Campo, por ser referência nacional em Educação do Campo e por ter nos ensinado a lutar pela educação e pela garantia do acesso a essas políticas públicas.

Quero agradecer em especial ao querido professor Bernard Hess (*in memoriam*), pela dedicação e comprometimento no ensino de literatura na turma Ganga Zumba. Bernard foi um grande educador, que contribuiu na luta pela Educação do Campo e foi responsável pela formação superior de centenas de quilombolas, assentados e periféricos. Bernard foi também um dos pioneiros da LEdoC, lecionou no curso desde as primeiras turmas, atuou diretamente na construção do projeto pedagógico da Educação do Campo. Foi responsável por nos incentivar e despertar o nosso interesse pelo saber, pela análise e crítica literária.

Por fim, agradeço profundamente a querida professora Dra. Ana Cotrim, por ter contribuído diretamente na nossa formação. Ana também foi uma grande responsável

por nos despertar o interesse pela literatura. Provocou grandes reflexões sobre literatura brasileira com a turma Ganga Zumba, culminando no nosso interesse pela pesquisa em Machado de Assis. Sou imensamente grata, por ter dedicado esse tempo para com minha formação e por acreditar que eu poderia escrever sobre a figuração das mulheres negras e mestiças em Machado. Espero encontrá-la em outros espaços de formação, pois sei que tens muito a contribuir na minha formação.

**RESUMO:** Esta pesquisa analisa a representação da mulher negra na leitura do poema Sabina, da coletânea de versos *Americanas*, publicada em 1875 e no conto Mariana, publicado em 1871, de Machado de Assis. Tem por finalidade problematizar questões de gênero e étnico-raciais envolvendo a mulher em condição de escravidão a partir destas grandes obras literárias de Machado de Assis.

**Palavras-chave:** Literatura; Gênero; Raça, Machado de Assis.

**ABSTRACT:** This research analyzes the representation of black women in the reading of the poem Sabina, from the collection of verses *Americanas*, published in 1875, and in the short story Mariana, published in 1871, by Machado de Assis. Its purpose is to problematize gender and ethnic-racial issues involving women in conditions of slavery based on these great literary works by Machado de Assis.

**Keywords:** Literature; Gender; Race; Machado de Assis.

## SUMÁRIO

I.	Memorial	<b>08</b>
II.	Introdução	<b>20</b>
III.	A mulher negra na ficção de Machado de Assis: Sabina e Mariana	<b>23</b>
IV.	Sabina	<b>27</b>
V.	Mariana	<b>36</b>
VI.	Considerações Finais	<b>49</b>
VII.	Referências	<b>51</b>

## **I. MEMORIAL**

Sou diversas personagens do que chamo “teatro da vida”. Uma mulher mestiça, de quase trinta anos de idade, natural do interior da Bahia e crescida no interior do Goiás. Minha história começa em São Felix do Coribe-BA, cidade onde nasci, em 1995. Ainda com nove meses, fui apresentada ao movimento de luta pela terra, pois neste mesmo ano, meus pais resolveram, juntamente com outras famílias baianas, migrar da Agrovila onde moravam, na Bahia, para o acampamento Poções em Flores de Goiás-GO.

Pouco tempo depois, tivemos de ir para outro local, pois a terra da fazenda em que estávamos era considerada improdutiva, não tinha como cultivar nada. E lá estávamos mais uma vez, em um barraco de tábua e lona, no acampamento, às margens do rio Macaco. Tenho poucas lembranças das nossas vidas naquele lugar; recordações marcantes: minha mãe lavando roupas no rio; uma escola de madeirite ao lado do rio e as crianças todas felizes, pois a escola havia sido uma grande conquista para todos.

Lembro-me também da geografia do nosso acampamento, um povoado pequeno às margens do rio, muitas casas de lona e madeira, igrejas de madeira e a linda escola de madeirite no centro. Confesso que amava aquela nossa “vidinha” às margens do rio, envolta na natureza e com muito espaço para brincar. Acredito que as crianças eram as que menos sofriam naquela realidade, embora muitas vezes só tivéssemos farinha com café para o jejum.

Com toda a beleza de ser um acampamento às margens do rio, no cerrado de Goiás, não era a vida que os adultos sonhavam, ainda faltava o direito pelas terras, faltavam políticas públicas e incentivo financeiro para produzirem. Em 1999, o INCRA dividiu os lotes para o nosso povo, formando então o assentamento P.A São Vicente. No primeiro momento, não entendi nada, só sabia que era uma mudança para melhor. Logo, conseguimos construir uma casa de alvenaria, graças a um subsídio do governo, e investir na terra para plantar milho e feijão.



A lembrança mais linda que gostaria de compartilhar é a do meu processo de alfabetização. Recordo-me como se fosse recente. Eu, uma criança de quatro anos de idade prestes a começar estudar, fui alfabetizada pela minha mãe; uma mulher negra, trabalhadora do campo, que havia estudado até o segundo ano do ensino fundamental. Sua vida foi marcada pelo trabalho infantil no campo, nas lavouras de algodão e mamona de seu pai, e não teve oportunidade de estudar. O dia que ela me disse: “minha filha hoje eu vou começar a te ensinar o alfabeto e as vogais, pois no próximo ano você entrará para a escola”, é uma recordação pela qual tenho muito carinho; a mais marcante dos meus quatro anos de idade. Lembro-me exatamente desse dia.

Apesar de não saber ler e nem escrever naquele momento, minha mãe foi uma ótima professora. Em menos de um mês eu já escrevia e lia o alfabeto e as vogais. No ano seguinte, quando eu comecei estudar, as letras não eram desconhecidas para mim, escrevia meu nome completo e de todos da família. A parte de pegar minha mão e estimular minha coordenação motora com o lápis, minha mãe já havia feito.

Dona Clarice, embora tenha conseguido alfabetizar-me, não sabia ler até aquele momento. Ela conhecia as letras, mas não sabia formar as palavras. No mesmo ano em que ingressei na escola, ela dedicou-se a aprender a ler. No primeiro momento, o que a motivou a aprender, segundo ela, foi conhecer a Deus segundo a Bíblia sagrada. Pois, ela costumava ir a uma igreja e considerava-se ignorante, por nunca ter lido a bíblia e professar uma fé só pelas narrativas de terceiros. Confesso que sou infinitamente grata por ter uma recordação tão bonita e considero seu motivo genuíno.

No segundo ano de escola, eu já sabia ler corretamente. Minha mãe não só me ensinou, como também ensinou outras crianças. Desde então, ela sempre me incentivou a estudar. Poupou-me da lida na roça, pois não gostaria que eu pudesse não ter a oportunidade de estudar. Ela entendia que o que a fez não estudar foi o trabalho árduo nas lavouras de algodão que seu pai cultivava. Por isso, sonhava com outra realidade para os filhos.

Estudei o ensino fundamental e médio nas escolas do São Vicente. Tinha muitos sonhos. Mas, não acreditava que realizaria algum. A Universidade

por exemplo, era algo que, aos dezenove anos de idade, eu não acreditava tanto que pudesse acontecer na minha vida. Pouco ouvia falar em ingressos a faculdade no assentamento.

Pouco tempo depois de concluir o ensino médio, fui incentivada pelo querido professor Genilson a fazer o vestibular da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC). Ele me acompanhou em todo processo, da inscrição à submissão de documentos, afinal eu não tinha costume de ler editais. Sou muito grata a ele, pois a Universidade tornou-se um sonho real.

A partir de então, ingressar na Universidade de Brasília tem sido um diferencial em minha vida. Não digo apenas pelo fato de ser uma das melhores Universidades do Brasil, mas principalmente por ser um espaço de formação que agrega à diversidade. Onde o homem negro e a mulher negra têm oportunidade de estudar, as camponesas e os camponeses podem ter acesso ao ensino superior de qualidade. É um espaço que também nos ensina a lutar para garantir o vigor das políticas públicas de educação já existentes e lutar para conquistar mais políticas públicas de inclusão, de acesso e permanência no ensino superior.

Quando em 2015 eu ingressei a faculdade, no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), acreditava que passaria pela Universidade, pegaria meu diploma e iria para a sala de aula (ir para a sala de aula ainda é o meu desejo). Confesso que tinha uma visão muito menor do que de fato tem sido a minha passagem pela Universidade. Eu acreditava que seria um ensino mais técnico, que se limitava apenas à formação na sua forma mais convencional possível, isso dentro do que eu pensava ser uma formação superior.

Logo, minhas concepções foram mudando. A LEdoC tem por objetivo pedagógico formar educadoras e educadores do campo para o campo, além disso, tem um papel transformador nas vidas de pessoas como eu, que ainda acreditava na educação convencional. Confesso que eu nunca tinha pensado em quão necessário esse curso, com esse conceito de educação emancipadora, se faz, de como essa ideia iria mudar a minha visão de mundo, de como isso mudaria principalmente o meu olhar sobre o meu território e

sobre a minha existência naquele espaço. Foi um momento muito marcante pensar sobre a educação que tínhamos e a que queríamos. Pensar que a educação pode ser uma arma para transformar pessoas e intervir de alguma forma nas nossas realidades.

A minha primeira impressão do curso, começou com a mística de recepção, realizada pelas turmas Chico Mendes e Margarida Alves para a nossa turma de calouros. Para mim, que vinha do contexto evangélico, em que a prática do teatro e música era algo que me movia da infância até a adolescência, ver uma manifestação naquela forma (que eu ainda não sabia definir), com declamação de poesia, cantorias e encenações teatrais me deixou encantada. Outro fator que chamou bastante a minha atenção foi o uso dos recursos naturais, da realidade camponesa no cenário da apresentação, como por exemplo o uso dos grãos de milho para a formação do desenho do girassol no chão, o uso de feijão, do arroz e de outros grãos que fazem parte da nossa realidade, também o uso do machado, da foice, instrumentos de trabalho que representavam o meu pai e minha mãe, e tantos outros camponeses, na composição da apresentação.

No decorrer das demais místicas, consegui entender que esses recursos não eram apenas uma estética que compunham o cenário, mas tinham um significado muito maior: um conjunto de símbolos que dialogam com as nossas realidades, trazendo reflexões sobre as nossas formas de viver, sobre as nossas produções no campo, sobre a memória (um outro conceito que impactou fortemente a minha visão de existência), sobre os conhecimentos empíricos e principalmente, sobre as nossas ancestralidades.

Ainda no primeiro semestre, no que chamávamos de “etapinha”, eu estava fascinada com as aulas, com os conteúdos, com o corpo docente e, principalmente, com tanto conhecimento que meus colegas de curso traziam consigo. Fiquei maravilhada com as trocas de conhecimento que tínhamos nas aulas de Pesquisa e Memória ministradas pela professora Regina Coelly, e de como os relatos de cada um sobre suas comunidades dialogavam com os conteúdos das aulas e nos faziam entender que de fato a educação só pode ser libertadora se refletir na nossa realidade.

O Projeto Pedagógico do Curso é muito fascinante, e foi escrito com muito cuidado para atender a demanda principal do curso que é formar educadoras e educadores do campo para o campo. Então, entender que a LEdoC é uma conquista de companheiras e companheiros dos movimentos de luta pela terra, que outrora buscavam garantir que camponesas e camponeses tivessem acesso ao ensino superior, por meio de políticas públicas de educação do campo, fez-me pensar na docência como um futuro promissor, não só para mim, mas para a minha comunidade.

A introdução ao pensamento crítico sobre a educação como um direito de todos e dever do Estado, a educação de qualidade, que visa não somente a inclusão no mercado de trabalho, mas principalmente a formação de sujeitos capazes de intervirem em suas realidades, sujeitos capazes de entenderem que a educação é uma arma poderosa na luta contra-hegemônica; fez-me olhar a profissão de educadora com olhos de amor e pensar na docência pela beleza de sua relevância no aspecto sociocultural.

O primeiro semestre foi sem dúvidas um momento histórico para mim. Impactou a minha vida de uma forma surreal. Eu estava me sentindo desafiada a entender cada conceito apresentado naquele primeiro momento. Eu estava diante de tantas questões que outrora desconhecia, de tantas indagações que até então eu não imaginava que pudéssemos dialogar e refletir. Até a minha existência passei a ver de outra forma. Embora eu já tivesse o hábito de ler, eu não tinha conhecimento de boa parte do que estava vendo durante as aulas na Universidade.

Confesso que havia em mim uma vontade de que a realidade do meu povo mudasse por meio da educação, mas não sabia como fazer. Na verdade, acreditava que o futuro promissor de nós, moradores do assentamento São Vicente, seria garantido se migrássemos para uma capital. Se tivéssemos a oportunidade de sair da nossa comunidade. Desde adolescente, sempre ouvia na escola ou na rua: “se a juventude quiser um futuro, tem que sair daqui! Esse ‘sem-terra’ não dá futuro para ninguém”. Passei a rever esses pensamentos assim que ingressei no curso. Ao conhecer o curso, passei a dar muito mais valor à nossa realidade no campo. Passei a valorizar a terra, por nos permitir

colher seus frutos, por nos permitir ter direito a uma alimentação de qualidade. Entendi que o que os meus pais sempre fizeram na terra chama-se agricultura familiar e que esse modelo de agricultura é responsável pela comida que vai para a mesa de muita gente.

A base curricular desta primeira etapa foi composta pelas disciplinas: Economia Política I, ministrada pelo professor Luís Zarref, que teve uma enorme relevância na minha formação de consciência política, fez-me entender o contexto político-social e uma parte do processo de luta dos movimentos sociais em busca do direito pela soberania popular, do direito pela terra, do direito de plantar e colher.

Filosofia, que no primeiro momento, nos deixou confusas com tantas provocações, mas foi imprescindível para que entendêssemos sobre a lógica do capitalismo, sobre as mazelas sociais provocadas pela desigualdade de classe. Até então, nunca havia lido Karl Marx e Engels. Nada sabia sobre o materialismo histórico e dialético, muito menos qual relevância política e social esses conceitos apresentavam. Comunismo e Socialismo, pouco sabia e de forma bastante deturpada. Penso que sei pouco, mas é um pouco que desperta vontade em saber mais.

Estar em grupo, pela primeira vez, para dialogar sobre desigualdade de classe, o proletariado, classe dominante e hegemonia política, foi libertador, fez-me refletir sobre o desperdício que foi o meu primeiro voto para presidente em 2014. Acredito que consegui me retratar com minha consciência, pois estive em todas as marchas em frente ao Congresso Nacional, contra o Impeachment da presidenta Dilma. Daí então, estivemos conscientes de qual era a nossa luta.

Neste primeiro semestre, também tivemos o prazer de aprender com as ilustres professoras Dras. Clarice Santos e Maria Osanete nas aulas de Teoria e Prática Pedagógica. Inclusive, foi então que conheci Paulo Freire por meio de sua obra prima “Pedagogia do Oprimido”. Não tenho dúvidas que foi um dos conteúdos mais incríveis e preciosos que tivemos ao longo do curso.

A leitura e síntese do livro “Pedagogia do Oprimido”, foi uma tarefa para ser realizada em grupo, no Tempo Comunidade (TC). A princípio, não nos parecia uma leitura tão complexa, pois diferente de outros textos que havíamos lido, a linguagem do livro era até acessível aos leitores iniciantes. Evidentemente, não dominávamos a prática de sintetizar livros nem tínhamos o costume de escrever textos acadêmicos. Lembro-me que transcrevemos as partes centrais do livro, assim como fazíamos na escola e entregamos para as professoras. Tivemos a devolutiva do nosso trabalho, não com notas baixas, mas com a oportunidade de aprender sobre a educação libertadora de Freire, refazendo a síntese em sala de aula com as queridas professoras Clarice e Osanete.

As aulas eram incríveis, quem nunca tinha ouvido falar em Paulo Freire estava fascinado com suas teorias. Fez-me entender o porquê do esforço da minha mãe em alfabetizar-me. Simultaneamente, aprendíamos a escrever síntese e resenha nas aulas de Leitura e Produção de Texto com a professora Severina (Sissi) e realizávamos a escrita da nossa síntese de “Pedagogia do Oprimido”. Fomos acolhidos pelo corpo docente da LEdoC, todos os educadores estiveram empenhados para que aprendêssemos a pensar a partir dos textos e entender de que forma eles refletiam a nossa realidade.

A professora Eliete Wolff era a coordenadora do curso, que também nos acolheu com muito carinho. Ela coordenou o curso em tempos difíceis, em momentos de retrocessos nas políticas públicas de educação. Também, coordenou juntamente com a professora Osanete a “Ciranda Infantil”, um espaço de formação criado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) implementado na LEdoC, como projeto de extensão. O único na Universidade de Brasília, que garantia que as mães pudessem estudar, sem precisar deixar seus filhos nas comunidades.

Um dos projetos mais bonitos implantados na LEdoC. A nossa Ciranda era referência em diversas Universidades do Brasil. Lembro-me que em boa parte dos encontros e seminários de educação do campo em outros territórios, que tivemos a oportunidade de participar, a LEdoC de Brasília era referência por ter a “Ciranda infantil”, por garantir que mães camponesas e periféricas

pudessem ter acesso ao ensino superior, pudessem ser lideranças em suas comunidades. Temos grandes referências dessas incríveis mulheres ao longo desses dezesseis anos da LEdoC. Algumas retornaram para as comunidades e assumiram a docência, outras estão seguindo o mestrado e doutorado, nos provando, em suas práticas, o quanto esse projeto é relevante na garantia do direito à educação.

Retomando as reflexões sobre os componentes curriculares do curso e de como eles foram cruciais para que pudéssemos nos identificar, nos reconhecer nele, não poderia deixar de citar Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular (CEBEP I), mediado pela Dra. Joelma Rodrigues. Foi um espaço de formação imprescindível para mim.

Joelma, primeiramente, é uma das maiores referências de educadora da LEdoC. Acredito eu que também da Faculdade UNB Planaltina. Uma das poucas professoras negras da Universidade de Brasília. Uma historiadora, que diante de uma turma de 99% de mulheres e homens negros provocou reflexões profundas sobre gênero, identidade racial, feminismo, identidade cultural, a luta das mulheres negras e dos homens negros em um país marcado pela desigualdade e pelo racismo. Nos ensinou sobre as diferentes realidades das pessoas negras em seus diversos territórios. Os diálogos eram sempre muito ricos. Éramos quilombolas, assentados, periféricos dialogando sobre temas em que nos reconhecíamos, cada um com sua individualidade.

A cada aula, eu já não me reconhecia da mesma forma. Foi como se um “velho eu” estivesse ficado no passado. Não digo que toda vivência ao longo de minha vida tivesse deixado de ser importante, nem tampouco deixado de fazer parte do meu processo de formação e humanização. Mas, foi então que eu passei a me referir as pessoas negras não mais na terceira pessoa. Passei a me identificar também, embora timidamente como uma mulher negra. Sempre me declarei parda, mas depois que a professora Joelma disse: “pardo é papel de embalagem de pão”, passei a rever esse conceito.

As conversas e trocas de saberes com colegas de outras comunidades contribuíram diretamente nessa mudança de concepção. Eu realmente não me identificava como uma mulher negra, ao mesmo tempo não acreditava ser uma

mulher branca, também não gostava de ser chamada de “morena”. Contudo, falar em mulher negra, era sempre da outra pessoa. Um dia, fui corrigida por um colega, o Danilo, do quilombo Mesquita, quando dizia: “vocês, homens e mulheres negras, serão referências na luta pelo combate ao racismo, na luta pela igualdade social...” Logo fui interrompida pelo colega: “vocês homens e mulheres negras não! Nós! Porque você também é uma mulher negra!”. Realmente, eu não estava acostumada a pensar que eu também sou uma mulher negra, muito menos verbalizar. É um processo ainda complexo.

Posteriormente, em CEBEP 2 – Formação Nacional e Identidade Camponesa, Indígena e Quilombola, com a Dra. Joelma Rodrigues e Juliana Rochet, pudemos aprofundar mais nesses temas. Foi interessante saber que “o ser negra ou negro”, é sobre ancestralidade, é sobre a memória viva da história de resistência de um povo, sobre saberes tradicionais, crenças, culturas, é sobre arte. Nas outras disciplinas também dialogávamos sobre gênero e raça, pois a LEdoC é um curso interdisciplinar, com diversos componentes curriculares que dialogam entre si, visando sempre desenvolver o senso crítico dos estudantes.

Outra disciplina que nos provocou grandes reflexões, foi sem dúvidas Mediações Entre Forma Social e Estética, com o professor Rafael Villas Boas. A propósito, uma das indagações mais pertinentes, entre tantas, que nos fez pensar sobre formação por áreas de conhecimento, no nosso caso, a área de linguagens, para mim foi justamente, a questão norteadora da primeira avaliação que tivemos nessa disciplina: “qual a relevância do estudo sobre a relação dialética entre forma e conteúdo para o processo de formação e humanização?”. Honestamente, eu não soube responder naquele momento.

Os conceitos de forma, conteúdo e dialética pareciam tão complexos, e eram novos para mim. Contudo, pude refletir a resposta dessa questão ao longo do curso. Quando liamos “Pai Contra Mãe” de Machado de Assis e a o mesmo tempo víamos Quanto Vale ou é Por Quilo de Sérgio Bianchi e, simultaneamente, realizávamos em turma intervenções teatrais a partir dessas leituras. Pudemos também, pensar em respostas para essa questão, quando estudávamos Literatura e analisávamos “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos,



com o saudoso professor Bernard Hess e a professora Ana Cotrim, ou quando tínhamos aulas de Teoria e História das Artes Plásticas e Visuais com o professor Felipe Canova.

Também, pude refletir respostas com os grupos teatrais nos seminários de Tempo Comunidade (TC) nos diversos territórios. Considero de extrema importância, ressaltar que a LEdoC nos aproximou dos movimentos sociais, como o MST, o Levante Popular da Juventude e outros que se apropriaram das diversas formas estéticas na luta contra-hegemônica, com a mística, o teatro, a música, a batucada, o audiovisual.

O professor Rafael, nos apresentou o Teatro do oprimido (TO), de Augusto Boal, como forma de ensino em sala aula, na Universidade, uma forma estética que visa não somente apresentar as diversas realidades, mas transformá-la.

O Teatro do Oprimido é sem dúvida muito potente na Educação do Campo, tivemos várias referências de turmas anteriores que formaram coletivos teatrais a partir dos conhecimentos sobre TO na LEdoC. Conseguimos formar um grupo Arte e Resistência Jovem (ARJ), em São Vicente - Flores de Goiás. Ainda que tenha existido por um curto período, foi uma experiência foi muito especial. Realizamos oficinas de TO nas escolas de nossa comunidade, também fizemos oficinas de estêncil com os componentes do grupo, conseguimos provocar reflexões sobre o agronegócio, que o uso de agrotóxico e o monocultivo, além de serem nocivos à saúde, causam impactos ambientais. Conseguimos até levar o grupo para a Semana Universitária, com a peça “Mulher da Roça”.

A introdução ao ensino de Teoria e História das Artes Plásticas e Visuais com o professor Felipe Canova, foi sem dúvidas tão importante quanto o Teatro como forma estética para a nossa formação, bem como a literatura como reflexo da sociedade. Penso que a interface entre teatro, literatura e audiovisual é genial. A LEdoC se apropriou bem dessas formas, tivemos referências de vários documentários, longas e curtas metragens produzidos pelas turmas, em aula e nas comunidades. O professor Felipe nos ensinou o quão potente é audiovisual e de quanto é relevante nas intervenções

socioculturais. Além de ser uma forma reveladora, que pode expor as contradições sociais de forma objetiva.

Por fim, gostaria de comentar sobre o ensino de Literatura na nossa turma de linguagens (Ganga Zumba), a princípio com o saudoso professor Bernard Hess e posteriormente com a professora Ana Cotrim. Nos dois primeiros semestres, as aulas de literatura mediadas pelo professor Bernard nos causaram um grande impacto, pois até então, nunca tínhamos pensado na literatura como crítica social; como reflexo das mazelas sociais por meio de seus personagens e suas subjetividades. Começamos pelos romances indianistas *Iracema* e *O Guarani* de José de Alencar na formação da literatura brasileira.

O professor Bernard tinha uma forma muito única de dar aulas. Era nítido o amor que ele tinha pelo ensino de literatura, pela prática da leitura. Seus olhos brilhavam quando mostrávamos interesse em dialogar sobre as obras.

A leitura era indispensável em suas aulas. Líamos diversos textos em sala de aula, comentávamos, na maioria das vezes ele fazia um desenho cronológico no quadro, explicando os contextos históricos das obras. Ao mesmo tempo, analisávamos a crítica de Antônio Candido em alguns capítulos do livro “Formação da Literatura Brasileira”. No fim, tínhamos uma aula excelente, sobre a formação da sociedade brasileira. Ele conseguiu ao longo de suas aulas nos mostrar a relevância histórica e social da literatura, ao mesmo tempo a literatura como manifestação cultural.

*Vidas Secas*, de Graciliano Ramos foi uma obra literalmente dissecada nas aulas do professor Bernard. Essa obra, eu li no Ensino Médio, nas aulas de português, achava esse romance incrível. Embora a professora de português fosse ótima e bem-intencionada, fomos atropelados pelo curto tempo das aulas e não tínhamos uma leitura mais crítica e profunda da obra. No entanto, já era possível observar a grandeza da literatura brasileira.

Retomar a leitura de *Vidas Secas* na Universidade, nas aulas do nosso saudoso professor Bernard, e posteriormente conhecer outras obras de outro

grandes escritores e escritoras, foi realmente incrível. Nos fez despertar o interesse pela literatura brasileira. Nos fez entender como o ensino de literatura pode ser essencial na docência, nos fez pensar formas de como inserir o ensino da literatura como prática pedagógica na escola do campo e como dialogar com a literatura popular.

No período seguinte, as nossas aulas de literatura passaram a ser mediadas pela professora Ana Cotrim, pesquisadora, com vasto conhecimento sobre Machado de Assis, que aprofundou as análises sobre as suas obras, nos fazendo conhecer sua grandiosidade como escritor, um escritor fundamental na literatura brasileira. As aulas com Ana Cotrim foram fundamentais na escolha da nossa pesquisa. A forma com que Machado traz a subjetividade da personagem da mulher e do homem negro em suas obras, a forma com que ele desmascara e põe em cerne a hipocrisia da classe dominante, também nos provocou um desejo em conhecer um pouco mais sobre essas obras do nosso autor: “Sabina” e “Mariana”.

Por fim, gostaria de reforçar que a LEdoC tem sido essencial em minha vida. Apesar de eu ainda não estar inserida em sala de aula, de não estar atuando na escola do campo, tenho vivo dentro de mim o desejo de compartilhar com a escola da comunidade os conhecimentos adquiridos na Universidade. Ao mesmo tempo, aprender com a comunidade e com a escola e juntos desenvolver métodos de ensino, prezando sempre pela educação de qualidade, a educação em que os sujeitos se reconheçam.

A minha Clarice é a primeira referência de alguém que tem me ensinado que a educação pode ser libertadora, principalmente para as mulheres. Ela me inspira a querer um dia ensinar pessoas a ler e escrever. Saliento que, por mim, por minha mãe e minha avó (mulheres negras) escolhi pesquisar a mulher negra em Machado de Assis.

## II. INTRODUÇÃO

Joaquim Machado de Assis (1839-1908), segundo a sua biografia presente no site da Academia Brasileira de Letras (ABL), nasceu no estado do Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1839. Filho primogênito de Francisco José de Assis, um homem negro, que era por profissão pintor e decorador; e de Maria Leopoldina, uma imigrante portuguesa. Machado de Assis cresceu no bairro do Livramento; teve oportunidade de estudar em uma escola pública do bairro de São Cristóvão. Ainda muito jovem, aos exatos dez anos de idade, perdeu a sua mãe. Seu pai então encontrou outra companheira, casando-se em 1854.

Sua madrasta teve um papel muito importante em sua educação e carreira. Ela trabalhava em uma escola e o levava para assistir algumas aulas. Na sua rotina, sempre priorizava seu processo de aprendizagem, tanto que nas noites Machado tinha aulas de francês com o forneiro de uma padaria e já demonstrava uma paixão pela leitura. Logo, o jovem rapaz ousava a escrever seus primeiros versos.

Aos 15 anos de idade, ao procurar emprego, Machado conheceu o dono da livraria, do jornal e da tipografia, Francisco de Paula Brito. Em fevereiro de 1855, o jornal “Marmota Fluminense” publicou o poema “Ela” de Machado de Assis, lançando-o na carreira de escritor. Deu-se início a sua carreira de poeta. Consequentemente, seu novo ciclo social fora composto por políticos, literatos, intelectuais e poetas.

No ano de 1856, Machado entrou para a imprensa oficial como aprendiz de tipógrafo. Sobre a influência e incentivo do diretor do jornal, o jovem conheceu três importantes jornalistas: Francisco Otaviano, Pedro Luís e Quintino Bocaiúva. Esses nomes na época também impulsionaram a sua carreira. Logo, Machado de Assis tornou-se um importante escritor e referência da literatura brasileira do século XIX. Machado era então, de fato um polígrafo; produziu em vários gêneros literários: crônicas, poesia, peças de teatro, crítica literária. Genial em prosa. Destacou-se principalmente em conto e romance.

Seus primeiros romances: *Ressurreição*, *A Mão e a Luva*, *Helena e Iaiá Garcia* marcaram a sua primeira fase, conhecida como “romantismo”, período em que a estética literária transitava sob as influências europeias. Embora sobre os limites de tais influências estéticas, Machado tinha consigo um estilo autêntico, diferenciando-se de seus contemporâneos. No período romântico, Machado consegue refletir nas suas escritas um olhar de “baixo para cima”, ou seja, problematizava por meio de seus personagens as relações sociais, as subjetividades das classes pobres e seus anseios por ascensão social/econômica.

A segunda fase de Machado é sem dúvida um marco na literatura brasileira. Com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* iniciou-se a fase realista do nosso autor, revelando a capacidade extraordinária de analisar e criticar o caráter individual/social humano por meio de seus personagens. Em *Brás Cubas*, Machado desmascara a face maquiada de uma sociedade egoísta e hipócrita a partir da narrativa das vivências do personagem Brás Cubas, um homem da elite brasileira, que em tom sarcástico discorre toda podridão que havia na conduta moral da sociedade.

O realismo é uma estética de reação ao romantismo, que por sua vez teve início na Europa, no século XIX. Em meados deste século a Europa passava pela Revolução Industrial. Consequente desse novo contexto, os movimentos culturais, sociais e políticos também estavam em transição; avançavam novas concepções políticas e ideológicas. Esse período também é marcado pelos avanços científicos, tecnológicos e filosóficos.

Com a ciência no ápice e tantas mudanças no contexto social, político e econômico, os escritores europeus passaram a perceber a necessidade de um rompimento com as narrativas líricas, saudosistas e sentimentalistas. Trouxeram para a arte literária o reflexo da realidade de forma concreta e objetiva. A prosa passou a ser realista, com o intuito de criticar e denunciar os valores burgueses, a extrema pobreza e a desigualdade social.

Importante analisar como Machado consegue inaugurar em um país determinado estilo literário, se ele se contrapõe a vários preceitos dessa estética. Nesse período, ele já estava vivendo sua ascensão social e financeira.

Não sendo agora apenas um escritor, um tipógrafo do jornal, mas um respeitado funcionário público de posição mediana. Cabe pontuar que, embora alcançando um bom nível de vida, sempre viveu do seu salário e sequer possuía a casa em que morava. Viveu sempre uma dupla jornada de trabalho, como funcionário e escritor.

A ascensão de Machado foi em suma bastante interessante, do ponto de vista histórico, pois não era comum um homem negro, de origem pobre ascender social e economicamente naquele contexto de escravatura dos corpos pretos, de pobreza desses povos nos pós abolição. O processo de Machado foi gradativo; diferente dos senhores brancos que viviam de rendas e da mão de obra escrava dos povos pretos e dos imigrantes brancos e pobres. Segundo Duarte:

Mulato, neto de escravos alforriados, nascido livre no morro do Livramento, no Rio de Janeiro, em 1839; órfão, na adolescência trabalha como balconista e operário gráfico; autodidata, passa da oficina à redação e, daí, ao emprego público e à literatura. Considerado um dos maiores escritores da língua portuguesa, Machado de Assis é acusado de aburguesamento, denegação de suas origens e omissão perante aos dramas sociais de seu tempo, especialmente a escravidão. No entanto seus escritos contradizem a tese absenteísta. E deixam evidente que, sob disfarces e dissimulações, tanto o cronista, quanto o poeta ou o genial ficcionista valeram-se de uma linguagem sofisticada para, assumindo o lugar do outro, fazer a crítica do regime e da classe que o mantinha (DUARTE, 2009b, Quarta Capa).

### III. A MULHER NEGRA NA FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS: SABINA E MARIANA

A personagem da mulher negra está presente desde o surgimento da literatura no Brasil. Categoricamente estereotipada, na posição da figura hipersexualizada, subalternizada e desumanizada em diversas obras. A esse respeito Eduardo de Assis Duarte afirma:

De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso. (DUARTE, 2009a, p. 1)

Nesse texto, trataremos de duas personagens, de obras diferentes de Machado de Assis, que trazem na narrativa elementos que distinguem a subjetividade mulher negra em Machado. “Sabina”, da coletânea de versos *Americanas*, é um poema narrativo, publicado em 1875, escrito na fase jovem de Machado de Assis, e “Mariana”, um conto publicado em 1871, narram a história de duas jovens que viviam em condição de escravidão. Em contextos diferentes, mas em realidades bem parecidas.

Sabina e Mariana não pertenciam à classe dos escravos da senzala e não faziam parte da classe proprietária. As narrativas de Sabina e Mariana enfatizam principalmente as relações subjetivas das personagens. O que naquele contexto parecia irônico, e de fato era. Afinal de contas era impossível uma escrava poder ter quaisquer tipos de sentimentos, ou atrever-se a tê-los, segundo as concepções da classe dominante.

No entanto, Machado arriscou em sua literatura, com suas narrativas realistas, empregando diversos recursos. Um marco muito relevante na história da literatura machadiana, sem dúvidas, foi transformar a narrativa sobre as

peessoas escravizadas, dando enfoque principalmente às condições subjetivas em que viviam no contexto escravocrata. Como veremos em Mariana, por exemplo, o narrador personagem, mesmo que sarcasticamente, nos revela o caráter e as concepções da classe dominante.

As personagens Sabina e Mariana são apaixonadas pelos filhos de seus donos. Todavia, as histórias dessas duas personagens seguem desfechos distintos. Mariana põe fim à sua existência, depois de perceber a impossibilidade de realização de seu sentimento, que nem de longe poderia ser correspondido pelo senhorzinho. Sabina consegue se realizar no amor, mesmo que momentaneamente. No fim, por ter sido preterida em favor de uma mulher de outra classe, mesmo estando grávida, até cogita o suicídio, mas segue a vida por amor ao filho que está no seu ventre.

Os dois textos centralizam a humanidade, caráter e subjetividade dessas mulheres que se contrapõem às suas condições de escravas. Vale ressaltar que, como em todas as obras machadianas, é imprescindível analisar o narrador.

Em “Mariana”, o narrador em primeira pessoa reforça com discurso naturalizador a condição de escravidão da jovem, relatando seus infortúnios e negando ao mesmo tempo a sua humanidade e subjetividade. Já na narrativa de “Sabina”, o eu-lírico evidencia, mesmo que timidamente, a sua humanidade, seus conflitos existenciais, nos aproximando do caráter da nossa heroína.

Analisando essas grandes obras machadianas, é incontestável que o nosso autor faz notável a existência e resistência da mulher negra em sua obra. Machado rompe com a antiga forma literária, que reforça e naturaliza o perfil estereotipado da mulher não branca, que passa entre a promiscuidade e a infertilidade. O perfil de mulher representado pela hipersexualização de seu corpo, pela capacidade e obrigatoriedade sexual que atribuíam a sua categoria. Acima de tudo, a mulher animalizada, desprovida de humanidade e de sentimentos reais. A esse respeito Duarte afirma:

Nessa ordem, a condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais



acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz. Chama a atenção, em especial, o fato dessa representação, tão centrada no corpo de pele escura esculpido em cada detalhe para o prazer carnal, deixar visível em muitas de suas edições um sutil aleijão biológico: a infertilidade que, de modo sub-reptício, implica em abalar a própria ideia de afrodescendência (DUARTE, 2009a, p. 6)

Esse rompimento evidencia-se, por exemplo, na escrava Arminda do conto “Pai contra mãe” e no poema “Sabina”. Mesmo que com ações e desfechos diferentes, ambas têm seus destinos coerentes com suas realidades. Em “Pai contra mãe”, Arminda agoniza diante do fato cruel de perder seu filho, após ser capturada pelo capitão do mato. Embora narrada do ponto de vista de Candinho, seu algoz, a narrativa nos traz elementos importantes sobre a resistência da mulher preta e mãe naquele contexto. E sem dúvidas, um fator importante que Machado traz em “Pai contra mãe” e em “Sabina” é a possibilidade humana da mulher negra ser mãe, gestar um filho e lutar para defendê-lo.

Sabina e Mariana são belas mestiças, suas histórias se contrapõem ao estereótipo da “mulata naturalmente fornicaria”, do objeto sexual do imaginário masculino. Em particular, a similaridade das duas personagens dá-se pelo fato de suas condições objetivas serem de “crias da casa”. No entanto, Machado traz à tona suas subjetividades, intrínsecas as suas realidades, no desenvolvimento das narrativas de seus sentimentos, ações e destinos. A esse respeito, Ana Cotrim afirma:

Essas figuras foram escolhidas por consistirem num contraponto quase direto ao estereótipo naturalista das mestiças: nenhuma delas aparece como sensual ou dada ao sexo sem envolvimento amoroso, em nenhum momento vislumbra-se nada do tipo de uma “vocação sensual”; uma delas será mãe (está grávida) e a maternidade   um sentimento profundo e determinante de suas ações e de seu destino; as duas sofrem por um amor verdadeiro e profundo e pensam em suicídio pela impossibilidade de realizar esse amor; uma delas o realiza e morre sem jamais ter

feito sexo, a outra só não realiza por amor ao filho que carrega, tendo engravidado na única relação de amor que viveu (COTRIM, 2020, p. 13).

Machado problematiza nas duas histórias o caráter perverso dessa condição: falsa esperança de liberdade e a sensação de não pertencimento. Ao mesmo tempo, a ilusão da liberdade no imaginário dessas mulheres, pois a concretização de seus anseios é tolhida pela escravidão. No fim, ambas estão condicionadas à subserviência tanto quanto às escravas da senzala. A humanidade é negada pela sua condição nesse contexto. Elas tomam consciência disso a partir do desenvolvimento e desfecho de suas relações impossíveis com o senhor, culminando um dos casos em tragédia, o outro na perpetuação do destino das mulheres escravizadas de gerar o filho do senhor.

#### IV. SABINA

Aqui, pretendemos analisar e interpretar o poema narrativo “Sabina”, de autoria de Machado de Assis, escrita no ano de 1875. A origem do nome da personagem Sabina, segundo Duarte, não era apenas mais um nome comum, sem relevância histórica. A esse respeito, Duarte explica:

O nome da personagem remete à lenda das Sabinas, mulheres de uma primitiva comunidade italiana raptadas pelos romanos nos começos da fundação da cidade e vítimas de violência sexual. (DUARTE, 2009b, p. 15)

Talvez seja possível afirmar que o nosso poeta tivesse a intenção de antecipar a problemática sobre a mulher negra em condição de escravidão e todo tipo de violência a que essa mulher era exposta.

A história é cantada pelo poeta em versos líricos que, diferente de Coutinho, narrador de Mariana, nos traz uma visão menos objetificada da nossa heroína. O poema narrativo “Sabina”, da coletânea *Americanas* (1875), traz problemáticas bem relevantes sobre a tendência machadiana de investigar e se contrapor às concepções naturalistas daquela sociedade em transição.

Também, expõe a condição da mulher negra e o sentimento de não pertencimento, em especial da mulher miscigenada, que embora usufrua do fato de não ter “perfil” para a senzala, está limitada à sua condição de escrava.

Não há no poema nenhuma referência direta à origem da moça. Possivelmente, sua mãe era escrava e o seu pai branco, um dos senhores de engenho. Era comum aos senhores brancos frequentarem as senzalas e se deleitarem com as escravas.

Sabina tinha 20 anos de idade, era escrava da fazenda. “Usava roupas de cambraia e renda”. Cativa, embora não vivesse na senzala. Foi criada na casa grande em condição de “cria da casa”. O narrador em terceira pessoa deixa muito evidente para ao leitor que a moça não tem perfil das escravas que viviam na senzala, pois é uma jovem bonita, com traços “clássicos” (provavelmente sua aparência se aproxima do padrão físico das mulheres brancas), que teve a sorte de ter tido uma senhora (sinhá) de bom coração;

que lhe concedeu o privilégio de ser “cria da casa”; de poder viver como se fosse branca na casa grande, de poder até ser quase da família.

Segundo o narrador, a moça teve a oportunidade de crescer na casa grande, que pode ter privilégios que outra escrava não pode ter. O dilema da moça começa a acentuar-se quando o “senhorzinho” retorna da faculdade e eles passam a ter um contato de amantes. Sabina apaixonou-se por ele e, conseqüentemente, engravidou do rapaz. Ele, evidentemente, nunca tivera nenhuma outra intenção com a moça que não fosse uma relação de amante. Retorna, nas férias seguintes dos estudos, casado e acompanhado de sua esposa. A moça decide suicidar-se. Mas, por carregar um filho no ventre, resolve viver.

Tratando do contexto escravagista, das casas de engenho de açúcar e do domínio do povo branco sobre os corpos pretos, era natural aos homens, aos senhores usufruírem e se saciarem nos corpos das escravas. Não estamos falando de relações afetivas, evidentemente, nesse caso de relação de poder, relação estruturada na concepção de ser e pertencer. Logo, a relação de Sabina com o senhor foi uma das centenas que aconteceram nesse contexto. A contrapelo das relações de domínio, no poema o narrador cita o sentimento da moça, a sua humanidade.

Todavia, a sua posição de privilégio afetava seu círculo afetivo, colocando em cerne o seu “não pertencimento” e a sua não identidade. Sendo assim, a moça não poderia relacionar-se com os escravos da senzala, pois sua condição era minimamente superior à deles. Também não podia ser “assumida” pelo senhor branco, pois era só uma mestiça e escravizada. Por outro lado, a moça não tinha como saber qual era de fato o seu espaço social. Com o fato de a jovem decidir viver e gestar seu filho, fruto da relação com o homem branco, dá-se continuidade a gerações de miscigenados, que não pertencem à casa grande nem à senzala, mas que se aproxima muito mais desta pela condição escrava. Assim traz uma reflexão concreta e objetiva da origem nacional. Em “Sabina”, o desfecho da narrativa é verossímil, é a própria realidade histórica.

O narrador em terceira pessoa inicia o poema a detalhar características físicas da jovem Sabina e adiante características do jovem Otávio. Ficam evidentes, também, a condição pela qual a moça era subjugada e a condição dominante de Otávio. A moça era cativa da fazenda e o moço senhor de engenho. Nos versos abaixo, o narrador ao citar características físicas da jovem, expõe que de fato a mestiça chamava atenção por sua beleza, bem como pelo cuidado que tinha consigo, que certamente despertava o interesse de todos os homens, que viam naquele corpo uma possibilidade de prazer.

Sabina era mucama da fazenda;  
Vinte anos tinha; e na província toda  
Não havia mestiça mais à moda,  
Com suas roupas de cambraia e renda.  
Cativa, não entrava na senzala,  
Nem tinha mãos para trabalho rude;  
(MACHADO DE ASSIS, in DUARTE, 2009b, p. 206)

No sétimo verso, o narrador reitera que a moça estava desabrochando, ou seja, que estava passando pelo processo de transição de menina para mulher. Uma moça ingênua, que cresceu e brincou com a sinhá moça e tinha um afeto recíproco da família dos seus senhores. Todavia, o mesmo resguardo e proteção que a moça branca tinha não eram por natureza direito da moça escravizada. Embora no poema não apareça indícios da exploração sexual da jovem, de forma explícita, sabemos que, na verdade, uma jovem na condição de Sabina poderia ser cobiçada, assediada e até mesmo estuprada por qualquer um dos senhores, sua condição de escrava da casa grande não impedia que a tomassem como objeto sexual:

Desbrochava-lhe a sua juventude  
Entre carinhos e afeições de sala.  
Era cria da casa. A sinhá-moça,  
Que com ela brincou sendo menina,  
Sobre todas amava esta Sabina,  
Com esse ingênuo e puro amor da roça.  
(MACHADO DE ASSIS, in DUARTE, 2009b, p. 206)

Na quarta estrofe o narrador afirma: “Dizem que a noite, a suspirar na cama, pensa nela o feitor; dizem que um dia, um hóspede que ali passado havia, pôs um cordão no colo da mucama”. Ao analisarmos os fatos históricos do sistema escravagista, a submissão do corpo preto não se restringia a sua

força de trabalho, as mulheres pretas, principalmente as da senzala, tinham seus corpos explorados sexualmente pelos homens brancos: feitores, capatazes, senhores, amigos dos senhores. Assim, o que afastava Sabina das garras destes homens, a princípio, era a condição fina de ser cria da casa grande.

Na quinta estrofe o narrador afirma, que embora todos a cobiçassem, a moça tinha olhos apenas ao senhor moço. Adiante, ao cantar os versos deste enredo, que aparentemente trata de amor, o narrador expõe as características físicas e a condição social de Otávio:

Ora, Otávio cursava a Academia.  
Era um lindo rapaz: a mesma idade  
Coas passageiras flores o adornava  
De cujo extinto aroma inda a memória  
Vive na tarde pálida de outono.

Na estrofe seguinte:

Vinte anos  
Tinha Otávio, e a beleza de um ar de corte  
E o gesto nobre, e sedutor o aspecto;  
Um vero Adônis, como aqui diria  
Algum poeta clássico, daquela  
Poesia que foi nobre, airoso e grande  
Em tempos idos, que ainda bem que se  
foram... (MACHADO DE ASSIS, in DUARTE, 2009b, p. 207)

Nesta estrofe, vemos que o narrador compara Otávio com um deus grego, Adônis, que na mitologia grega traduz beleza, sedução, desejo e sexualidade. Alguém com um poder exorbitante, por ser belo, mas principalmente por ser homem e branco. O senhor filho da senhora da casa grande, além de beleza, possuía conhecimento científico. Teve o privilégio de estudar e havia recebido seu diploma de bacharel.

Além da análise do personagem Otávio, o último verso da estrofe acima, nos chamou bastante atenção, pois o narrador se refere ao tempo passado, em que ocorre a história de Sabina, a comemorar o fato de já ter passado: "... tempos idos, que ainda bem que já se foram..." nos dá uma impressão muito feliz, de que o narrador não corrobora com as injustiças do sistema escravista.

O desenvolvimento da história em Sabina é muito interessante, no que diz respeito à forma e conteúdo. Ambientado no campo ou, como o próprio narrador se refere, “roça”; um lugar bonito, leve, alegre, adequado para o enredo de um romance. Sabina é cantada pelo poeta em versos e estrofes, sua história, narrada por Otávio, que nos aproxima dos sentimentos reais da moça. Nesse poema, o eu-lírico se aproxima de Sabina, expondo seus conflitos internos (subjetividade). Diferente do narrador Coutinho em “Mariana”, que naturaliza essa condição. Essa narrativa centraliza a humanidade da personagem, contrapondo o estereótipo da “mulata naturalmente fornicaria”. De acordo com Ana Cotrim:

O ponto central dos dois textos é a figuração humana das duas mulheres escravas, a sua grandeza de caráter e sua subjetividade que ultrapassa o estreito escopo de suas condições objetivas. Aqui, a questão do narrador é fulcral. Enquanto em “Mariana” o narrador em primeira pessoa busca naturalizar a condição da escravidão e se esquivava de afirmar francamente o verdadeiro caráter humano de Mariana, o eu-lírico da poesia se aproxima de Sabina, e joga sobre ela uma luz humana e amorosa, conhecendo seus conflitos interiores. Uma vez que as duas são mestiças belas e amorosamente envolvidas, essas histórias constituem um contraponto direto à “mulata” fornicaria, do infame estereótipo (COTRIM, 2020, p. 24)

Ao caçar sozinho pela manhã, após retornar de viagem, Otávio contempla a natureza e tudo que ela pode oferecer, sem menor ideia de que poderia encontrar Sabina:

...Pela aberta da folhagem,  
Que inda não doura o sol, uma figura  
Deliciosa, um busto sobre as ondas  
Suspende o caçador. Mãe d'água fora,  
Talvez, se a cor de seus quebrados olhos  
Imitasse a do céu; se a tez morena,  
Morena como a esposa dos Cantares,  
Alva tivesse; e raios de ouro fossem  
Os cabelos da cor da noite escura,  
Que ali soltos e úmidos lhe caem,  
Como um véu sobre o colo. Trigueirinha,  
Cabelo negro, os largos olhos brandos  
Cor de jabuticaba, quem seria,  
Quem, se não a mucama da fazenda,  
Sabina, enfim? Logo a conhece Otávio,  
E nela os olhos espantados fita.  
(MACHADO DE ASSIS, in DUARTE, 2009b, p. 208)

O início do desenvolvimento da narrativa de “Sabina” ocorre em meio à natureza, quando o caçador Otávio anda pela mata no intuito de capturar algum animal silvestre. Ele é um rapaz que retornou da cidade para a fazenda de sua família, depois de passar uma temporada estudando. Um personagem de um homem branco, livre, que sem dúvidas refletia a liberdade do homem branco de seu tempo, a soberania desse homem sobre outras existências. Por outro lado, temos a personagem Sabina, que caminha em meio ao campo, como se fosse livre, contemplando a beleza da natureza.

Parece-nos indispensável investigar a escolha do local: campo. O espaço onde a narrativa se passa remete a liberdade e traz ao leitor, aparentemente, a leveza da natureza. A natureza é muito relevante na contraposição da condição do personagem Otávio e de Sabina, o que para ele é a naturalidade de sua liberdade, para ela é apenas uma hipótese momentânea, utópica. Estamos nos referindo à construção da personagem e à complexidade de sua condição, em um lugar que nos remete liberdade.

A aproximação entre Otávio e Sabina acontece em meio à natureza, assim como o fim desta história de amor. Otávio avistou Sabina ao banhar-se nas águas do rio. Naquele momento a moça compunha a beleza da natureza. Ao observá-la, o moço ficou bastante interessado.

Vemos que o rio é um espaço fundamental no poema: no início, quando Otávio avista Sabina pela primeira vez; ao longo do tempo em que ambos se aproximam; ao ser testemunha das lágrimas de Sabina; e no final do poema ao ser um espaço escolhido pela moça para pôr fim a seu sofrimento. Isso não aconteceu, pois a moça decidiu seguir a vida por ter no ventre um filho. Um momento muito importante na história de Sabina, em que a narrativa mostra uma mulher que, pelo instinto materno, pelo sentimento humano de alguém que carrega uma vida, decide por continuar vivendo por essa vida.

[...] A seu trémulo pé não tolhe a marcha;  
Voa, não corre, ao malfadado rio,  
Onde a voz escutou do amado moço.  
Ali chegando: Morrerá comigo,  
O fructo de meu seio;  
a luz da terra Seus olhos não verão;



nem ar da vida há de aspirar...  
(MACHADO DE ASSIS, in DUARTE, 2009b, p. 211)

No final do poema, que marcaram os momentos decisivos da vida de Sabina, ocorre também a referência a um suposto “Criador”. Uma divindade que regia a natureza, e o ser humano era apenas parte dela. Assim, o ser humano se auto-organizava dentro dos preceitos e leis desta divindade, sem questionar e nem se opor a elas. A vontade de Deus justificava as mazelas sociais como algo natural. Justificava, também, a exploração do ser humano pelo próprio ser humano e consequentemente, a manutenção do sistema capitalista em vários momentos da história.

O trecho em que o poema faz referência a essa divindade nos leva também ao conto Mariana, quando a jovem escravizada está prestes a se suicidar, na frente de seu amado: “Oh! Continuou ela com voz fraca; não lhe quero mal por isso, Nhonhô não tem culpa: a culpa é da natureza. Só o que lhe peço é que não me tenha raiva, e que se lembre algumas vezes de mim” (MACHADO DE ASSIS, 2022, p. 07). Ela responsabiliza a natureza pela sua condição.

A gente percebe que ao afirmar que o senhorzinho não tinha culpa, que a culpa era da natureza, tira dele a responsabilidade de causador de tanto sofrimento, atribuindo apenas à ordem social a naturalidade de sua posição. Evidentemente, nem Sabina, nem Mariana, tinha consciência desse sistema tão cruel, pois foram alienadas a entendê-lo como natural. O sistema dominante, para se manter potente, cria mecanismos para dominar, um deles é criar a narrativa de que existe uma natureza divina que justifica a exploração de um ser pelo outro.

Quanto mais lemos Machado, mais nos encantamos com sua forma de escancarar a hipocrisia da classe dominante, de expor o quão perverso era o sistema escravagista. Machado literalmente dissecou o perfil da sociedade burguesa por meio de seus personagens. Ele não se intimidava em criticar um sistema tão potente. Uma grande sacada de Machado é criticar de forma tão objetiva as leis que formavam essa sociedade, e a sociedade como parte

desse processo. A esse respeito, nos remetemos a uma crítica bastante contundente de Duarte:

Ao analisar o tratamento dado por Machado aos afrodescendentes e às reações impostas pelo escravismo, não se pode perder de vista seu horizonte recepcional, formado basicamente por leitores da classe dominante. Assim, ao privilegiar a crítica da Elite, o escritor está por vias transversais, abordando a questão e tocando nas origens da grande ferida social de seu tempo (DUARTE, 2009b, p. 279).

Retomando as nossas percepções sobre o personagem Otávio, vemos no desenvolver da história que ele faz jus ao adjetivo de caçador. O jovem, que segundo a narrativa, de fisionomia atrativa, era perfeito para seduzir uma moça ingênua, que embora vivesse em um sistema tão cruel, nem de longe poderia conhecer as demais nuances deste sistema. Otávio, não poupou esforços e nem palavras para seduzir Sabina:

"Flor da roça nascida ao pé do rio,  
Otávio começou - talvez mais bela  
Que essas belezas cultas da cidade,  
Tão cobertas de joias e de sedas,  
Oh! não me negues teu suave aroma!  
Fez-te cativa o berço; a lei somente  
Os grilhões te lançou; no livre peito  
De teus senhores tens a liberdade,  
A melhor liberdade, o puro afeto  
Que te elegeu entre as demais cativas,  
E de afagos te cobre! Flor do mato,  
Mais viçosa do que essas outras flores  
Nas estufas criadas e nas salas,  
Rosa agreste nascida ao pé do rio,  
Oh! não me negues teu suave aroma!" (MACHADO DE ASSIS,  
in DUARTE, 2009b, p. 209)

O caráter do nosso narrador vai se revelando ao longo de sua narrativa. O moço dedicado a seduzir a pobre moça, pode até em algum momento parecer confiável. Mas, em nenhum momento nos transparece um sentimento de reflexão sobre a responsabilidade para com a moça, sobre o fato de que se não fosse para o sexo, ela em hipótese alguma poderia ser sua esposa, por exemplo, já que era prática dos senhores tomar sexualmente as mulheres negras em condição de escravidão, como objetos sexuais. O comportamento de Otávio é comum à sua condição na sua insistência em ganhar a confiança da moça para aproveitar-se de sua inocência.

Depois de consumado o ato de sedução, Sabina vê-se sozinha, abandonada até mesmo por seus iguais. O seu envolvimento com o senhorzinho culminou no afastamento dos outros escravizados, que a culpavam pelo ocorrido. Por fim, a moça vê-se grávida de Otávio, desesperada até cogita o suicídio, mas pelo sentimento materno decide viver e arcar com as consequências de sua gravidez. Por outro lado, isso não causa a menor comoção a Otávio. O moço apenas concretizou seus desejos sexuais na jovem, e o sofrimento da moça era indiferente para ele. Assim, como para Coutinho em “Mariana”, que não concretizou seus desejos, mas expôs bem suas intenções ao afirmar que, se a natureza não condenava, tomar a moça como objeto sexual era uma possibilidade.

Ao longo de nossas reflexões vemos que os textos de “Sabina” e “Mariana” dialogam bastante, no que diz respeito à condição das escravas e, ao mesmo tempo, sobre o lugar de poder em que Otávio e Coutinho ocupavam. Todavia, as escravas têm desfechos distintos. Enquanto Mariana, no auge do desespero decide pôr fim a própria vida, Sabina é movida pelo instinto materno e decide viver. Em Sabina, vemos que a condição de mãe está acima de qualquer outra condição, sobrepondo principalmente a de amante.

Contudo, Sabina amargava o fato da dura vida que a esperava nessa nova realidade. Afinal, ser mãe cativa era muito cruel, naquele contexto então era triste. Mas, a moça aspirava às novas realidades que poderiam surgir, apesar de seu filho nascer em regime escravagista, mais um bastardo mestiço.

## V. MARIANA

O conto “Mariana” de Machado de Assis retrata a história da escrava Mariana. Essa narrativa foi construída no auge do movimento abolicionista no Brasil, embora tenha ganhado notoriedade tempos depois. É importante salientar que o país foi a última nação ocidental a abolir a escravidão, em 1888. Como consequência do colonialismo e escravagismo traçaram-se, então, o caráter da cultura, da economia e da civilização brasileira.

No século XIX, havia o debate sobre o fim da escravidão, dominando a política do país. Discutiam-se também, nos espaços de poder, a necessidade econômica da escravidão e suas justificativas morais. Esse debate não se reflete como enredo principal nas obras literárias. Contudo, examinando Machado, vemos referências sutis desse movimento de luta nas suas narrativas.

Mesmo que a desumanização da ordem escravocrata fosse tão evidente, os escravizados não eram representados categoricamente em suas realidades. Embora já houvesse outras obras literárias que explorassem o drama humano intrínseco a escravidão, até então, não tinha repercutido na sociedade, não com uma forma que abordasse uma ruptura entre o ser escravizado e sua realidade.

Mariana, a escrava, intitulada pelo narrador de “cria da casa” que se suicida ante a impossibilidade do seu amor por Coutinho, seu senhor, é apresentada pelo narrador a princípio como uma moça obediente, que não fazia mais do que ser grata pela sua condição de “mucama privilegiada.” No desenvolver da narração de Coutinho sobre o drama da moça que outrora o amou, percebe-se que esse comportamento de subordinada passa a mudar, oscilando entre conformidade e inconformidade.

Tal como o poema “Sabina”, o conto “Mariana” tem como eixo principal, aparentemente, o amor impossível entre escrava e o escravocrata. Ironicamente, o narrador Coutinho nos revelara como sucedeu esse amor entre a escrava e seu senhor. Não podemos deixar de comentar que, no período escravagista no Brasil, era comum aos senhores tomarem suas escravas como

objetos sexuais e isso não era uma infração à ordem. A elas era atribuído o estereótipo de “fogositas por natureza”.

Em “Mariana”, a prosa começa pela narrativa de Macedo, que em primeira pessoa relata que acabara de chegar da Europa, retornando ao Rio de Janeiro após quinze anos: “Voltei de Europa depois de uma ausência de quinze anos. Era quanto bastava para vir achar muita coisa mudada” ... O *bon vivant* não trouxe nenhuma informação relevante da sua passagem pela Europa, que a essa altura passava por várias transições políticas, econômicas e culturais que pudesse refletir na realidade de seu país. Logo, o moço mostra-se extasiado pelas mudanças que superficialmente nota no Brasil:

Também achei mudado o nosso Rio de Janeiro, e mudado para melhor. O jardim do Rocío, o boulevard Carceller, cinco ou seis hotéis novos, novos prédios, grande movimento comercial e popular, tudo isso fez em meu espírito uma agradável impressão (MACHADO DE ASSIS, 2022, p. 01).

Macedo mostra-se perplexo com o desenvolvimento urbano, evidentemente nesse tempo a cidade tinha muitas mudanças externas, mas essencialmente seguia ancorada no sistema escravocrata. Um sistema já superado na Europa. Entre os anos 1850 e 1870 o Brasil passa por grandes transformações, a modernidade posta em antítese com a realidade social. A realidade de fato transpassa a superfície das percepções de Macedo. O corpo do texto, embora não aparentemente, nos leva a um registro histórico que nos estimula a uma análise histórico-literária.

O reencontro entre os quatro amigos, depois de tanto tempo, sugere que conversem sobre suas vidas, assim sucede a narrativa de Coutinho. Antes, Macedo, envaidecido, relata como fora sua vida durante os quinze anos que passara fora. Não obstante, todos, exceto o escrivo, relatam suas histórias.

O negociante, sem hesitar narra como chegara a tal posição social, já o escrivo, o único que trabalhava de fato, com algo que não subjugava a força de trabalho humano, tinha vergonha da sua condição. Afinal de contas, a elite burguesa vivia de rendas consequentes da exploração da mão de obra escrava. Para não constranger o moço, o narrador diz ter sido compreensivo e não insistiu no assunto.

Posteriormente, Coutinho é introduzido à narrativa. Passamos a acompanhar a sua narrativa em primeira pessoa, ou seja, o conto muda de narrador, de Macedo a Coutinho, que vai levá-la quase até o final. O escravagista relata que não se casara com a prima Amélia, pois sua noiva rompeu com o compromisso alguns dias do casamento. Contudo, o foco do moço é contar o suposto motivo desse rompimento.

No início de seu relato, o narrador Coutinho leva-nos a imaginar como tenha sido o ultraje de Mariana até a sua morte trágica. Antes, nos faz identificar características centrais da escrita machadiana: ironia e objetividade. Ao afirmar que nunca ninguém o amou e nem o amaria como Mariana, é possível perceber que Coutinho acreditava de fato que Mariana nutria por ele sentimentos reais. No entanto, o caráter do narrador vai se revelando ao longo da prosa. Em outro momento, Coutinho chega a dizer que a moça parecia ter sentimentos nobres, no seu tom fica evidente que isso era para ele incomum a uma “criada da casa”. Que a ela não cabia a condição de humana, quanto menos a condição de mulher, que pensava, amava, sentia, chorava, sofria.

Afinal de contas, na visão do narrador, a moça não tinha motivos para sofrer, vivia com privilégios que só uma mucama querida por sua bondosa mãe poderia ter. Sabia costurar como ninguém, até francês a moça falava graças à generosidade de suas irmãs. O tom da narração busca dar a ideia de que nada conseguira essencialmente por sua capacidade intelectual, mas pela bondade de sua família que a tinha em tão alta conta.

A tentativa do narrador em justificar-se, alegando que a jovem tinha o mínimo de tratamento humano era comum. Absurdo e natural ao mesmo tempo, que nesse contexto as pessoas escravizadas se sentiam gratas por esse mínimo, que na verdade não passava de uma forma de mascarar a face real da hegemonia branca e naturalizar essa condição. Por outro lado, é compreensível que um ser escravizado naquele contexto, que não precisasse ter o contato mínimo com a dura realidade da senzala, ficasse grato e se sentisse minimamente incluído na realidade da casa grande.

Mariana, ao mesmo tempo em que sente esse amor por Coutinho, reconhece que não deveria. Na condição de escravizada seria atrevimento

cogitar um romance com o “senhorzinho”. A moça passa por uma crise existencial, pois naturalmente, um ser, que a essa altura não sabe qual é sua identidade, é tolhida de sua humanidade/subjetividade e levada a entender que é necessário resignar-se.

A sutileza de Machado, em boa parte de suas obras na fase realista, na escolha de seus narradores, principalmente, como Coutinho, branco e escravocrata é um recurso imprescindível para analisar o caráter hegemônico e a condição da classe oprimida. O narrador da classe dominante traz à tona reflexos de seu consciente, intrínsecos à sua condição. Em tom sarcástico é possível interpretar que Coutinho até dá a entender que reconhece a humanidade de Mariana.

É notável na fala de Coutinho, ao afirmar aos amigos que havia verdade nos sentimentos de Mariana, que por um momento ele admite a subjetividade naquele ser, apesar de sua condição. Por outro lado, percebemos que há quinze anos passados, quando viveu essa história, não pensava da mesma forma. Ao mesmo tempo em que parecia perplexo com o fato de a “mucama” amá-lo, envaidecia-se de ser o centro desse dilema e possivelmente se aproveitaria desse lugar de poder. Não nos engana o narrador, que por algum momento pode até parecer se importar com o desfecho da vida de Mariana e que por ela poderia ter algum afeto.

Ao observar o caráter de Coutinho e o seu posicionamento na prosa entre amigos, evidencia-se que nada mudou de fato naquela sociedade, principalmente o modelo econômico. Seguem vivendo da força do trabalho escravo. Possivelmente, as escravas da senzala e da casa grande seguem nas mesmas condições de objetos sexuais de seus senhores, comum à ordem social da época.

Mariana era “como se fosse livre”, mas não era. O desenrolar da ação, narrada por Coutinho, logo se encarrega de mostrar o seu lugar e não abusar da boa vontade de sua família proprietária. Segundo Coutinho, a moça entendia bem a sua condição e devia ser grata pela bondade de sua senhora. Em um trecho de sua narrativa o moço ousa mencionar que Mariana era

amada como se fosse da família, embora soubesse que não podia sentar-se à mesa.

Em outros momentos da narrativa, fica evidente que Coutinho culpabiliza Mariana por incitar o seu interesse por ela. Até mesmo ao exaltar a beleza da moça, o rapaz consegue ser apenas um proprietário falando de sua escrava, e não um homem que amou contando sua poética história de amor e conquista. A forma como ele se refere ao corpo e detalhes físicos de Mariana deixam evidente a diferença entre um relato sobre características de uma moça branca e apenas uma escrava:

O desenvolvimento do seu espírito não prejudicava o desenvolvimento de seus encantos. Mariana aos 18 anos era o tipo mais completo da sua raça. Sentia-se-lhe o fogo através da tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados. Tinha os cabelos naturalmente encaracolados e curtos. Talhe esbelto e elegante, colo voluptuoso, pé pequeno e mãos de senhora. (MACHADO DE ASSIS, 2022, p. 02)

Aqui nos parece que a moça, além de chamar atenção por sua beleza, por suas características físicas, precisamente pela exuberância de seu corpo, que perturbava o imaginário do seu senhor, tinha as “mãos de senhora”, única característica que a aproximava de uma senhora branca. Provavelmente, no último caso ao descrever uma senhora as características físicas não seriam tão convenientes quanto à moral e pureza da mulher branca. Entretanto, aos homens era dado o direito de se referir a uma negra escravizada como quisessem. Se o corpo negro era exposto e vendido em praça pública como animais de trabalho, animais domésticos e objetos, nada poderia ser mais natural.

Ao ver Mariana em lágrimas na porta do seu quarto, Coutinho nem ao menos cogita o real motivo do desespero da moça, apenas reafirma o seu lugar de poder, até nas suas aparentes boas intenções:

Admirou-me essa manifestação inesperada da parte de uma rapariga que todos estavam acostumados a ver alegre e descuidosa da vida. Supus que houvesse cometido alguma falta e recorresse a mim para protegê-la junto de minha mãe. Nesse caso a falta devia ser grande, porque minha mãe era a bondade em pessoa, e tudo perdoava às suas amadas crias (MACHADO DE ASSIS, 2022, p. 03)



Nessa fala, Coutinho se coloca não no lugar do possível causador da dor de Mariana, mas como o possível protetor da moça. Logo ele culpabiliza Mariana, afirmando que possivelmente a moça deve ter cometido um erro grave para com sua mãe, pois ela era bondosa com suas crias, especialmente com Mariana.

Mariana se retira recusando-se explicar seus motivos. Coutinho a ignora, afinal de contas, o único problema, ou a única dor real que uma pessoa em condição de escravidão podia sentir no contexto escravagista era a dor da chibata e todos os outros aparelhos de tortura para escravos rebeldes. No mais, todo o resto era privilégio. Sendo assim, o choro da cria da casa não era assunto relevante.

Em conversa com sua irmã, Coutinho supõe que pode ser por algum “namorico” entre Mariana com um copeiro ou cocheiro, afirma que por ser tão querida, seus senhores não interferirão na relação da moça com quem escolher. Nesse diálogo fica evidente a divisão de raça e classe, os muros nas relações senhor-escravizado.

Aparentemente, quando em seguida Mariana nega se tratar de amor o seu dilema, e afirma não poder ter amores por ser uma simples escrava, nos dá a entender que conscientemente a moça sabe que apesar dos seus privilégios não é livre. Coutinho trata de lembrá-la que embora seja uma escrava, é quase uma senhora, tratada como filha por sua mãe. A moça lamenta e afirma que melhor que não tivesse recebido tais privilégios. Coutinho a repreende.

Por alguns momentos, Mariana deixa-se manipular pela fala de Coutinho, entendendo que é necessário ser grata pela vida que tem e pelo mínimo que recebe. Acreditamos que essa condição de não pertencimento é responsável por desencadear a crise existencial na moça a levando ao suicídio.

Para um homem da elite branca, a única verdade absoluta é contada por ele e dominar somente a vida do escravizado é insuficiente, é necessário obediência e devoção. Para isso, o escravizado precisa acreditar que não há realidade melhor que a sua, não há condição melhor, que o seu senhor é bom

e obedecê-lo é o melhor. Evidentemente, não se trata de uma boa ação da hegemonia branca para com o ser escravizado, e sim de uma técnica de domínio, de domesticação.

A cada relato, o nosso narrador expõe a face real de Coutinho. Ao tomar conhecimento de que a causa da tristeza de Mariana é um sentimento que a moça nutre por ele, mesmo que a princípio duvide de tamanha audácia, o rapaz envaidece-se e a passa enxergá-la não mais como “irmã”, mas como objeto sexual, cogitando até uma possível aproximação. As intenções de Coutinho vão se revelando ao longo de suas falas, e a necessidade de justificar a sua imoralidade fica evidente ao afirmar que os costumes daquela sociedade aceitavam a relação, que nem de longe seria afetiva, mas de exploração do corpo daquela mulher.

Não era incomum aos senhores tomarem suas escravas como objetos sexuais, ao contrário, era um direito garantido por lei. O estupro da mulher negra era natural, imagina em uma situação em que o senhor tem o afeto da escravizada a seu favor. Coutinho não dispensa a possibilidade de se aproveitar sexualmente da moça, deixando evidente para nós leitores a face real do sistema escravista. Mas a altivez de Mariana impede que ele faça qualquer movimento nesse sentido.

Ao fugir, Mariana mostra-se acima do julgamento malicioso de Coutinho, que atribui a sua raça a naturalidade do “fogo”, da sensualidade. Mais uma vez, a máscara do moço que outrora se dizia irmão da jovem escravizada cai. Ele propõe castigá-la ao ser recapturada, mostrando-se totalmente indiferente aos sentimentos da moça. Para ele, ela abusou de seus privilégios, criando a ilusão de direitos e que se fosse preciso, o castigo seria a solução para tamanha rebeldia:

Sofrias muito! Tratavam-te mal? Bem sei o que é; são os resultados da educação que minha mãe te deu. Já te supões senhora e livre. Pois enganas-te; hás de voltar já, e já, para casa. Sofrerás as conseqüências da tua ingratidão. (MACHADO DE ASSIS, 20223, p. 05)

Coutinho mostra-se indignado com a fuga da moça. Logo, revela-se proprietário, alegando que a causa dessa rebeldia era o fato de Mariana ter recebido uma educação de senhora branca. Se nunca recebeu nenhum castigo

físico, não tinha nenhum outro motivo para sofrer. Afinal, a uma escrava, objetificada, animalizada só eram possíveis as dores físicas. “Já te supões senhora e livre”, Coutinho que outrora parecia dar atenção aos dilemas Mariana, tratou de situá-la de sua condição de escrava.

A sutileza de Machado nessa narrativa, ao evidenciar a sua crítica ao naturalismo, construindo um narrador “não confiável”, que ao longo das ações, nos revela também o caráter perverso da ordem escravocrata é simplesmente central em “Mariana”. O tom cínico de Coutinho, ao narrar uma história tão trágica de forma tão natural, em alguns momentos parece dissimulado e tenta mascarar a violência pela qual o ser humano escravizado era submetido por aquela ordem.

Certamente por puro ego, Coutinho faz-se desentendido sobre os reais motivos da fuga da moça, questionando se por alguma razão outra pessoa a induziu, mas mais uma vez suas reais intenções ficam evidentes: “eu desejava apenas desviar do espírito da rapariga qualquer suspeita de que eu soubesse dos seus amores por mim”.

Após retornar Mariana fica cada dia mais triste e amargurada. Por outro lado, é possível notar que Coutinho até desenvolve um certo sentimento por Mariana. Toda essa situação não passa despercebida aos olhos de Amélia, que passa a incomodar-se com a escrava, sugerindo até que a castiguem. Com atitude previsível, Coutinho minimiza o incômodo de Amélia, a acusando de leviana. O moço não demonstra mínima empatia por ambas. A sua vaidade certamente estava acima de tudo.

Historicamente, no período escravagista era natural aos homens brancos o casamento por interesse político e social com as mulheres brancas. A essas mulheres era atribuída a função de mães, responsáveis pela casa, que se casavam apenas para procriarem e formarem uma família. Até a sexualidade era restringida. A elas bastavam as aparências, a moral e o respeito que deviam a seus respectivos cônjuges. Portanto, atitudes que parecessem ousadas, na intimidade com seu marido, podiam acarretar repreensão. Pois uma mulher de respeito não podia dar-se a certos desfrutes.

A estrutura de poder que fundamentava a ordem social era ancorada principalmente no patriarcado. Os homens brancos dominavam os espaços políticos, criavam as leis, estudavam, tinham acesso a todo tipo de literatura, de arte e podiam conhecer o mundo. Eles determinavam o certo, o errado, o moral o imoral. Assim, mesmo a mulher branca tendo privilégios, a única possibilidade de ascensão social era por meio do bom casamento. Antes do casamento, serviam apenas para enfeitar os salões de festas da sociedade burguesa e, também, como moeda de troca nas negociações de suas famílias. Isso, evidentemente, era uma cultura imposta, naturalizada naquele contexto.

Todavia, existia o domínio da mulher branca sobre mulher preta. A mulher branca tinha a preta como seu animal de trabalho, ou nos casos das “crias da casa”, como seu bicho de estimação. A mulher branca, no entanto, era a raça superior, o símbolo de moralidade, a progenitora da raça pura, da continuação das famílias tradicionais. Para elas, as pretas eram também fornicárias por natureza. Essas mulheres também usavam das piores atrocidades com a mulher preta, principalmente, quando sabiam de alguma que despertara o interesse do seu senhor. Não poupavam o uso dos aparelhos de tortura.

Na pirâmide hierárquica desta sociedade, a mulher branca ainda possuía um lugar, logicamente que a mulher branca pobre também vivia às margens. Já a mulher preta estava na última escala, primeiro pela raça, depois por ser mulher. Todas eram vítimas da hegemonia dos homens brancos, mas a mulher preta era desumanizada de todas as formas. A mulher negra, com traços “clássicos”, miscigenada, a que chamavam de “mulata”, “morena” ou mestiça (possivelmente fruto das relações dos senhores brancos com suas escravas) podiam ser criadas por suas sinhás na casa grande, como Sabina e Mariana. As pretas, retintas, com fenótipo originalmente afrodescendente tendiam a viver nas senzalas e ser exploradas nos engenhos de açúcar, nos cafezais, nas cozinhas e em todo tipo de trabalho. Estas estavam longe dos padrões de beleza daquela sociedade. Quanto mais retinta, menos humana.

A realidade da mulher negra era absurda, grotesca e cruel. Era comum terem seus corpos violados por seus senhores, de todas as formas possíveis. A

essa mulher a impossibilidade do amor, do casamento era natural. Então, ela ficava sobre a opressão do seu senhor e consequentemente de sua senhora.

Percebemos, em “Mariana”, que Amélia não se detém em expor sua posição sobre a escrava. Para ela, a moça deveria receber os mesmos castigos das escravas da senzala. Ela estava movida pelo ciúme, pois notava que Coutinho dava uma certa atenção a escrava. Esse sentimento passou a lhe ocorrer quando percebeu o que estava havendo com a escrava: tristeza, angústia. Logicamente, não foi uma percepção humana de Amélia, para com Mariana, ao contrário, ela nunca se submeteria a dividir a atenção de seu noivo com uma escrava. Acredito, que o narrador ao comentar sobre a reação de Amélia, diante do comportamento de Coutinho, nos deixa a par de que ele alimentava esse sentimento de Mariana.

Por outro lado, Coutinho repreende Amélia, não para justificar-se e afirmar não ter razão para tanto, mas por acreditar que a moça está descontrolada, histérica, apenas por causa de uma simples escrava, que não devia significar nada. Mas, Amélia não se deixa convencer. A estratégia de Coutinho sem dúvidas era a conveniência de ter uma noiva ao seu lado, projetando a ideia de uma futura família de bem, e possivelmente legitimar a sua posição, sem desprezar a ideia de se lambuzar nas fraquezas e vulnerabilidade de Mariana.

A ação do nosso narrador personagem expõe justamente o que ele mais tenta esconder: intenções reais. Há momentos em que ele insiste em tentar convencer o leitor de não se tratar de um flerte recíproco; tentando deixar evidente que seu sentimento de quase irmão da escrava o impedia de ver o que estava ao alcance dos seus olhos. Em outros momentos sua própria narrativa o contradiz, mostrando o comportamento do bom senhor totalmente diferente. Mas, ele argumenta. Justifica-se o tempo todo. No entanto, a evidência de seu interesse por Mariana salta aos olhos de sua noiva Amélia e a faz terminar o compromisso.

Amélia, sem dúvidas, percebeu a vaidade de Coutinho. Não há nada mais evidente que homem com ego elevado. As mulheres são muito sagazes e os antecedem. Por mais que o moço reafirmasse não se tratar de vaidade, e

sim de piedade de uma alma bondosa, cristã, deixa evidente aos leitores, nas suas ações, o quanto era importante alimentar um sentimento, que ele mesmo julgava tão absurdo e atrevido.

... Minha vaidade não era tamanha que me abafasse os sentimentos de piedade cristã. Neste estado, as invectivas da minha noiva não me fizeram grande impressão, e não foi por causa delas que eu passei a noite em claro. (MACHADO DE ASSIS, 2022, p. 06)

Mariana, em sua última fuga amarga a dor da indiferença. Certamente esta seria sua última tentativa de ter ao menos um olhar de compaixão, um olhar de humanidade. A moça ao ser alcançada por Coutinho permite-se declarar o seu amor impossível ao seu amado. Mariana afirma que está certa de que seu senhor não tem culpa, atribuindo à natureza a responsabilidade de tal desfecho: “Nhonhô não tem culpa, a culpa é da natureza. Só o que eu lhe peço é que não me tenha raiva, e que se lembre algumas vezes de mim...” Coutinho reforça a ideia da moça, tirando de si qualquer culpa. Mesmo diante de um momento tão triste, ele não deixa cair a sua autoridade patriarcal, acusando a escrava de ingrata e desobediente, que merecia ser castigada severamente por desobedecê-lo.

Quando alegava que a realidade de Mariana era melhor do que a de outras escravas; que a ela não faltava nada, que era como se fosse da família nos dá a entender um interesse em fazê-la esquecer sua real condição. Por outro lado, ao ameaçar castigar e cobrar da moça obediência, afirmando que neste caso seria necessário aplicar correções e castigos físicos para mostrar sua autoridade de dono, fica evidente o seu interesse em manter o poder, se não pela alienação do discurso do bom dono, pela força.

Mariana sucumbiu a tanta dor e pôs fim a sua vida na frente de seu amado, que não esboçou nenhuma reação que não fosse esperada. Ali o único prejuízo que lhe causara, seria o material e moral. Coutinho mostra-se frio e egoísta, afinal de contas sendo a única testemunha de um desfecho tão cruel, a sua última preocupação foi justificar-se alegando ter alcançado o perdão de sua mãe a Mariana, que teve dúvida se a jovem era digna.

Ao finalizar sua narrativa, Coutinho mostra-se aparentemente triste com a recordação que havia acabado de confidenciar aos amigos, declarando suas últimas palavras a respeito:

Creio que posso dizer ainda hoje que de todas as mulheres de quem tenho sido amado, nenhuma me amou mais do que aquela. Sem alimentar-se de nenhuma esperança, entregou-se alegremente ao fogo do martírio; amor obscuro, silencioso, desesperado, inspirando o riso ou a indignação, mas, no fundo, amor imenso e profundo, sincero e inalterável. (MACHADO DE ASSIS, 2022, p. 07)

A pergunta inicial que deu origem à narrativa de Coutinho era o casamento não realizado com Amélia. Fica evidente que o motivo de não ter se casado foi a história com Mariana. No entanto, isso não é retomado no final da conversa. Não seria algo confessável. Mas percebe-se que esse acontecimento foi determinante da vida de Coutinho. Posteriormente, Macedo, o narrador do primeiro momento do conto, retoma a narrativa proferindo algumas palavras fúteis. Em questão de minutos esqueceram-se da história da escrava e seguiram como caçadores em busca da caça: a examinarem os pés das mulheres que por ali passavam.

É possível perceber em Coutinho o caráter da hegemonia branca daquele contexto. As normas pelas quais a sociedade funcionava também moldavam o caráter de seus componentes. O caráter individual do nosso narrador, um senhor branco escravocrata, que trouxe aos leitores percepções pessoais sobre a condição de Mariana, ancoradas nas ideias dominantes da época. Esse recurso machadiano, em trazer as mazelas sociais do período escravocrata narradas pelo opressor é imprescindível para a reflexão histórico-literária sobre as diversas formas de dominação.

Aos senhores do século XIX era conveniente romantizar a escravidão. Eles precisavam justificar a exploração do corpo preto, para manter esse sistema tal como estava. Para isso, convencer o escravizado de que sua condição era melhor do que de outros povos em outros países, de que seus senhores eram bondosos, de que essa condição os “civilizava”, também lhes assegurava da obediência e total devoção desse povo.

Sem dúvidas, Machado foi simplesmente genial em construir uma narrativa tão complexa e tão reveladora. A realidade de uma sociedade

escravocrata, figurada em uma personagem escravizada, que não tinha o açoite como forma de alienação, narrada do ponto de vista de seu senhor. Se alguém já ousou afirmar que Machado não lutou pela abolição da escravidão, a nós não resta dúvidas que sua crítica a essa realidade alcançou principalmente a classe dominante.

Retomando análise sobre a crítica do nosso autor, é importante salientar que em suas obras a mulher naturalmente *fornicaria* não existe. Nas obras “Sabina” e “Mariana”, ele rompe com esses discursos, se contrapondo ao naturalismo. Machado desmonta estereótipos, construindo mulheres subjetivamente representadas, figurando a humanidade das mulheres escravizadas. Assim, a condição subjetiva (os sentimentos, o caráter) de “Sabina” e “Mariana” superam a condição objetiva.

A construção da história de “Sabina” e “Mariana” é similar. Os elementos centrais que caracterizam e aproxima narrações distintas são: o amor pelo filho do proprietário, são “crias da casa”. O que difere é que em uma a construção da ação é em uma fazenda e a outra no contexto urbano. Em “Sabina”, o poeta canta sua relação de amor com a jovem. Já em “Mariana”, o narrador “pouco confiável” Coutinho narra cinicamente o amor impossível que a jovem tinha por ele. Em um, o eu-lírico nos aproxima da subjetividade da moça, de sua humanidade. Já em “Mariana”, o narrador busca naturalizar a condição da jovem escravizada, não afirmando objetivamente o caráter humano de Mariana. Nesta, conseguimos nos aproximar da humanidade da jovem pelo desenvolvimento da ação.



## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que em “Sabina” e “Mariana”, Machado, por meio de duas histórias individuais, aborda um tema nacional: escravidão em vigor, problematiza as questões do contexto social, político e econômico nas verdades distintas de personagens individuais. Machado desconstrói narrativas estereotipadas das mulheres negras e mestiças; buscando construir uma narrativa cuja “heroína” não seja representada apenas pela forma física do seu corpo, pela sexualidade e vulgaridade atribuídas em figurações naturalistas.

Machado, por meio de sua forma tão autêntica, faz um eu-lírico onisciente e um narrador-proprietário nos relatarmos como se deram os fatos. Em “Sabina” vemos que o poeta se aproxima e nos aproxima da personagem, nos fazendo enxergar o quão complexa é a sua existência, dentro de uma realidade tão cruel, onde o fato da jovem ter uma liberdade aparente só vai se revelando ao longo do poema, nas ações em que a história de amor da moça não pode ser concretizar, por ela ser uma escrava.

Em “Mariana” o objeto central também é a história de amor da mulher escravizada pelo proprietário, só que o narrador, nesse caso, é um cínico. Ao narrar as ações, ao tempo que ele tenta ludibriar o leitor, é possível olhar subjetivamente para a personagem Mariana. Nas duas obras, o autor faz o leitor olhar para o interior dessas mulheres. Assim, vai se revelando o caráter perverso do sistema escravocrata, na forma mais fina da escravidão. A história da mulher escravizada que vive como se fosse livre, que é quase da família, mas que no final não se identifica e não pertence a lugar algum.

Como podemos ver, de fato em Machado não existe preta para trabalhar e nem “mulata” para fornicar. Machado traz ao leitor a humanidade dessas mulheres, a partir das narrativas sobre suas existências, sobre seus sentimentos, desejos e emoções, dentro de um ciclo social onde essa mulher tem sua humanidade negada, objetivamente, por ser escravizada.

Em “Mariana”, registra-se a insubordinação da jovem, a colocando em um lugar de “gente”, pessoa, que por sua razão não se submete a continuar vivendo como produto de um sistema tão desumano. Em “Mariana” e “Sabina”

Machado aborda a vida dura de duas mulheres que vivem em condição de escravidão, expondo não somente os seus dilemas como meras histórias de amor, mas como forma de expor a face perversa da ordem escravocrata, elevando a figuração dessas mulheres, que deixa de ser do corpo cobiçado pelo proprietário para a mulher cuja voz sofrida que ecoa, traduz resistência.

Consideramos subversivas as ações das duas personagens: de Sabina, ao decidir que precisava viver para gestar o filho que estava em seu ventre; e a atitude de “Mariana”, ao pôr o fim em sua vida, se libertando da condição em que vivia. O diferencial de Machado é, justamente, conseguir revelar ao longo das ações narradas o caráter, a índole e a verdade social por meio de seus personagens. Não temos dúvidas de que Machado analisou sistematicamente o seu mundo do ponto de vista da classe oprimida.

## VII. REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Letras – Biografia de Machado de Assis. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>

Cotrim, A. (2020). A figuração da mulher negra e a crítica do naturalismo em Machado de Assis: Arminda, Sabina e Mariana. *Inter Litteras*, (2), 145-188. <https://doi.org/10.34096/interlitteras.n2.9734>

DUARTE, E. de A. (2009a). “Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade”. *Terra roxa e outras terras. Revista de estudos literários*, vol. 17 A.

DUARTE, E. de A. (2009b) *Machado de Assis afrodescendente - Escritos de caramujo* (Antologia), 2º edição. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida.

MACHADO DE ASSIS, J. M. (s/d), “Pai contra mãe”. *Relíquias da Casa Velha* (1906). Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>

MACHADO DE ASSIS, J. (2009b), “Sabina”. *Americanas* (1875). In DUARTE, E. de A. (2009b) *Machado de Assis afrodescendente - Escritos de caramujo* (Antologia), 2º edição. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida.

MACHADO DE ASSIS, J. M. (2022), “Mariana”. *Jornal das Famílias* (1871). Site Literafro, UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/797-machado-de-assis-mariana>